

Entrevista Revista Online Internacional ARTiculAction (em Português):

O trabalho da artista Helena Teixeira Rios explora uma variedade de questões que afetam a nossa idade contemporânea instável, centrando a sua investigação sobre a natureza volátil da imagem que capta. Sua prática envolve o uso de dispositivos tecnológicos como scanners e incita os telespectadores a repensar a noção de percepção e sua relação conflituosa com significados conceituais e literais. Em seu recente projecto intitulado Eu tenho um sonho que vamos ver nas páginas seguintes, ela usou uma tela de scanner para tirar imagens de si mesma, esfregando a cabeça no vidro do scanner e a copiado em tempos variáveis. Um dos aspectos mais convincentes da abordagem de Teixeira Rios é a maneira que realiza uma rejeição efetiva da narrativa para capturar parâmetros límbicas dos espectadores, atraindo o espectador para experiências não convencionais: estamos realmente satisfeitos introduzir nossos leitores a sua estimulante produção artística

1) *Olá Helena e uma recepção calorosa para ARTiculAction : para começar esta entrevista ,gostaria que você nos dissesse algo sobre o seu passado ? Você tem uma formação formal sólida: formou em Arquitetura e Urbanismo e fez o seu Máster na Universidad Politecnica de Catalunia , em Barcelona. Também cursou pós-graduação em fotografia , arte e cultura. Como é que essas experiências influenciam a sua evolução como artista? E, em particular , como é que a sua formação cultural configura a maneira de se relacionar com o fazer arte e com o problema estético em geral?*

O fato de ter estudado arquitetura e trabalhado muitos anos como designer de móveis organizou meu olhar de uma maneira muito auto crítica.

Hoje vivemos um período de menos auto crítica e mais paradoxos. Buscamos qualidade de vida e convívio com a natureza, mas cada dia mais passamos um tempo maior em frente de máquinas. Não precisamos sair de nossas casas para comprarmos livros, ir a museus ou estudar, no entanto, a tecnologia passou a alimentar nosso imaginário e trouxe consigo um viver mais prático.

Pensar arte, é também pensar em todas as questões paradoxais que vivemos e nos colocamos em situações peculiares e diante do que nos aflige. Diferentemente da arquitetura e do design de mobiliário, que preza a beleza estética e a proporção, na arte nem todo estético é belo. A estética é a da multimídia, da ambiguidade, da indefinição, da indeterminação, misturando as formas visuais e querendo fazer com que o espectador participe. As coisas não precisam ser duradouras e perfeitas. Muitas vezes o que vale é a pós-produção, a comunicação e a emoção. O modo de pensar é completamente diferente. Contudo, todo processo de criação requer um percurso de fazer, reflexionar, ter unidade e qualidade e apesar suas diferenças constitutivas para gerar experiência. O propósito da arquitetura e do design precisa ter um fim paupável, o da arte não, pode ser somente uma proposição.

2) *Sua abordagem revela uma busca incessante de uma investigação biológica da natureza do processo perceptivo e os resultados transmitem em conjunto um sentido coerente e consistente de harmonia e unidade. Antes de começar a elaborar perguntas sobre a sua produção, sugerimos aos nossos leitores a visitar <http://www.helenateixerarios.com> a fim de obter uma visão sinóptica da sua produção artística multifacetada: enquanto caminham nossos leitores através de seu processo, gostaria de lhe perguntar como você desenvolve o seu estilo e como você concebe seus trabalhos .*

Acho difícil se falar em estilo hoje, já que a arte engloba diversos estilos com apropriações, intertextualidades, citações e contradições.

Não tenho uma maneira usual de desenvolver meus trabalhos. Muitas vezes a ideia inicial vai se traduzindo em uma coisa completamente diversa. Clico muitas imagens sem um propósito definido e passado algum tempo, estas mesmas imagens se juntam a outras, e

o que nunca havia pensado começa a tomar contorno. É o inusitado ou o subconsciente trabalhando. Durante o processo de criação gosto de escrever para estruturar o pensamento. Escrevo, trabalho, recomeço, desenho. Tenho a preocupação de não tornar óbvio o todo. O todo não deve se completar de uma única vez claramente, havendo uma indefinição de planos, uma sobreposição de camadas que torna indiscernível o que foi inserido antes e depois, o que pertence ao plano da frente ou ao de trás. Desta forma vou criando lacunas que permitem o espectador imaginar a partir de suas referências pessoais.

3) Para esta edição especial de ARTiculAction nós selecionamos DIANTE DO INVISÍVEL , que nossos leitores já começaram a conhecer nas páginas introdutórias deste artigo .O que nos chamou a atenção neste trabalho é a maneira que nos leva a um novo nível de significação e sua relação com o processo de percepção humana, fazendo-nos a repensar e às vezes até mesmo subverter a maneira como nos relacionamos com tais conceitos ubíquos e onipresentes: ao caminhar nossos leitores através da gênese deste projeto, como você lança luz sobre a sua principal fonte de inspiração?

Infelizmente ou felizmente ações não são efetivadas com imaginação e nem sempre o que imaginamos se torna palpável ou realizável. Nem sempre o que vemos é o real, mas o que interpretamos de acordo com nossas vivências. Nem sempre a sensação que temos de nós mesmos é verdadeira. Ela vem acompanhada de algo externo e é esta mistura que devemos assimilar e apresentar. Tentar tornar visível algo interno que nos incomoda ou que nos aflige a partir de nossas relações externas. Hoje vivemos a impermanência das coisas. Não há noção de passado. A mídia social estandarizou a vida das pessoas. Os costumes, as ações, os programas são estereotipados e um sentimento de não valia impera aos que não conseguem fazer parte do previamente instaurado como processo de vida. O que se vive é o presente imediato, sem repertório, sem muita informação, sem pensar. Mas o presente é sensação. Sensorialmente sempre estamos mergulhados no presente e vamos vivendo a cultura do prazer, do não ao tédio. Sair da mesmice perturba, provoca, assim como as imagens geradas neste trabalho. Ao vê-las nossa primeira reação é a de recusar a imagem, já que se aparentam como monstros refletindo o que não queremos enxergar: o medo da morte, da desintegração, nossos questionamentos, dúvidas, incertezas e estranhamentos. A angustia causada nos faz hesitar, repensar, parar, criando significados para nossa existência. Não estou propondo expor questões pessoais e sim universais: porque escolhemos determinados caminhos já que sabemos que nossa morte é eminente? Porque tanta prepotência de alguns, apesar de saberem que nosso fim será o mesmo? Porque viver sem tempo? Qual tempo tem nossos valores? A medida de tudo hoje passou a ser o tempo ou a falta dele e de questionamentos. Daí a necessidade da arte como uma forma de tentar intervir, dando uma pausa e chamando atenção para questões banais ou não, nos possibilitando pensar a partir de outro tempo. As ideias surgem daí, ninguém aprende com o igual.

4) Como você comentou sobre DIANTE DO INVISÍVEL , movimentos aleatórios foram feitos observando o tempo de varredura da máquina, sem controle sobre o resultado final da imagem : quanto importante é para você o potencial criativo do acaso ? E qual é o papel da improvisação em seu processo ?

Devemos estar atentos aos erros e imprevistos que vão surgindo no decorrer do processo criativo. Ambos podem se tornar mais interessantes que o acerto, abrindo possibilidades. Tudo pode ser acidental. Deve-se experimentar.

A sua tentativa, bem sucedida, para produzir uma fusão dialética que vai além de qualquer sistema de símbolos para operar em um nível imediato, límbico parece rejeitar qualquer narrativa, estabelecendo relações diretas com os telespectadores. Alemão artista multidisciplinar Thomas Demanda uma vez afirmou que "hoje em dia a arte já não pode confiar muito em estratégias simbóli-

cas e tem a sondar, elementos narrativos psicológicas dentro do meio em vez". Qual é a sua opinião sobre isso? E, em particular o que a atrai para esta neutralização eficaz de contar histórias? Creio que a imagem deve fazer pensar, não se sustentando como uma tradução estável, produzindo ambiguidade, deformação, traduzindo em conhecimentos diversos de acordo com a vivência de cada espectador. Não há busca por alguma verdade ou síntese que nos oriente. O que não é conhecido e legível é o que nos causa estranhamento e é este lugar que procuro para potencializar a imagem. Não estou rejeitando a lógica, mas sim criando lugares para a existência de imagens que nos possibilitem pensar, não com clareza, mas com afeto, gerando experiência, compreendidas ou não pelos receptores. É uma relação de causa e efeito. O que o trabalho causa no observador e quais conclusões ele define. Não é a minha narrativa, mas a que o espectador estabelece. Me interessa pela imagem que cria lacunas, que deixa o receptor concluir, estabelecendo sua própria história. O símbolo, como mencionou Thomas Demand, não nos dá a permissão de pensar, cria estereótipos, correndo o risco de se tornar um clichê.

6) *Você descreve muito sua experiência pessoal e DIANTE DO INVISÍVEL poderia ser considerada uma tentativa bem sucedida de criar um corpo de trabalho que capta o nível instintivo da percepção humana. Então, gostaríamos de aproveitar esta ocasião para perguntar se, na sua opinião, a experiência pessoal é uma parte indispensável de seu processo criativo ... Você acha que este processo pode ser desligado da experiência direta?*

As duas coisas caminham juntas: experiência pessoal e processo criativo. A arte não pode ser pensada desvinculada do horizonte cultural que lhe confere sentidos. Vem ligada a um conjunto de circunstâncias sociais, históricas em busca de uma identidade. Contudo a capacidade de fazer anda em conjunto com a imaginação, que nem sempre está ligada à vivência, mas sim ao modo de ver, a problematização das coisas, as dúvidas e incertezas pertinentes ao processo criativo. Uma pessoa sem nenhuma bagagem pode organizar e traduzir em sensibilidade um trabalho, abrindo o sentido da proposição.

7) *Ao indagar sobre o estado de suspensão que marca a nossa época contemporânea instável, mutável, você também parece transmitir uma crítica sutil, mas eficaz da cultura materialista impulsionado que satura a nossa idade contemporânea. Mas enquanto artistas da cena contemporânea, como Ai Weiwei ou, mais recentemente, Jennifer Linton, expressam explicitamente críticas sócio-política em suas obras, você parece mais interessado em se insinuar em outro sentido, convidando os espectadores a um processo de auto-reflexão que pode levá-los para subverter uma variedade de costumes e categorias culturais estereotipadas. Você acha que seu trabalho poderia ser considerado político em certo sentido, ou você procura manter uma abordagem mais neutra? Na sua opinião, qual o papel que pode desempenhar um artista na sociedade contemporânea?*

O blogue de Ai WeiWei - 2006-2009 - usava a mídia social como meio de condenar o governo e "fugir da sociedade" imposta. A internet o ajudou a se tornar um ativista, cobrando responsabilidade social, ação governamental e transparência. A relação dos chineses com a mídia social é completamente diferente do ocidente, os blogues possuem uma credibilidade singular e controlada, tendo alto poder de sensibilizar o público. O impacto da internet sobre sua prática artística é inapagável. Já o trabalho de artista Jennifer Linton está mais calcado em temas feministas que abordam abuso sexual, virgindade, domesticidade, exploração da gravidez, não se prendendo à estereótipos.

Todo artista quer interrogar, fazendo uma reflexão a respeito das aflições, dúvidas e incertezas que estão presentes no seu modo de pensar, desenvolvendo a partir de um ponto de vista crítico do mundo. Neste âmbito, a arte é sempre política, já que escapa dos poderes e dos padrões, criando novas maneiras de interpretar. O papel do artista é o de nos transportar a um outro lugar, que não o que estamos acostumados ou aptos à enxergar. Deve afetar. O artista hoje é um juntador de matérias, questões, emoções, sensações, produzindo um sentido que é inédito e individual, fazendo com que o público saia do con-

vencional. O interessante é perceber que o que é significativo para determinada pessoa, pode não ser para outra, já que não compartilhamos da mesmas vivências e experiências de vida. Aí que está a riqueza, a arte não é estática e imutável.

8) O seu trabalho poderia ser considerado como biografias multissensoriais que desvendam as consequências estéticas de uma realidade visual, concreta, que explora aspectos inesperados da funcionalidade da linguagem no nível estético: como Gerhard Richter observou uma vez, "a minha preocupação não é arte, mas sempre que a arte pode ser usado para ": qual é a sua opinião sobre o aspecto funcional da arte na era contemporânea?

Hoje na arte há uma busca para se expressar o invisível, o inapreensível, a tensão. Cortes, alterações, processos, disfarces, tentam dar várias ênfases diante do crescente número de imagens lançadas em circulação diariamente. O belo não importa, se valoriza o processo, a problematização do cotidiano, os procedimentos inventados. Não é mais necessário ter técnica com participação direta do artista. Outros podem executar suas ideias, assim "a criação não é vista através da arte" e sim a "arte é vista através da criação". Houve uma inversão. Isto requer um espectador que se envolva com a obra, com a linguagem, com o que subverte. Daí surge uma nova sensibilidade, um novo hábito, um novo público. O suporte é a rua, o corpo, o espaço, a terra. Somados à música, poesia, escrita, fotografia. Nada mais é classificável ou comparável. Não há certo ou errado. O artista se tornou um explorador do corpo, do espaço e do tempo. A obra pode ser a preparação, fazendo diversos tempos se comunicarem. Assim os ambientes aos quais estamos acostumados devem ser desconstruídos, levando-nos a sair do cotidiano. O modo de vida é problematizado, se afloram os dilemas comuns, o trivial. A apropriação quer dar um novo sentido ao que já foi feito. A performance quer contrapor o corpo à vida atual. A land art quer modificar a paisagem nos atentando ao que nosso hábito não nos deixa perceber. A instalação integra espaço-obra-espectador para imersão em um universo paralelo. Estou dizendo tudo isto porque o público atual para compreender deve participar, interagir, ser curioso, sair do lugar comum. A arte se abriu ao público. Não basta ver, contemplar, tem que participar e muitas vezes se misturar à obra. Colaborar de maneira inusitada, valorizando o acaso, às vezes sem nada criar. O processo que importa. Enfim a obra aparece para provocar sentimento, sensações e nos transportar para realidades diversas além da que estamos acostumados e habituados, criticando o consumo, a repetição de comportamentos e o empobrecimento de sentidos. A arte se completa se nos afeta, criando uma realidade própria, fazendo-nos experimentar e pensar de maneira não habitual. A questão é que nem todos estão abertos ou aptos à experimentar, sentir, questionar. Aí a arte se torna inalcançável, ininteligível. Isto é cultural.

9) Ao longo destes anos seus trabalhos foram expostos em diversas ocasiões, incluindo a sua recente individual no Centro Cultural Banco do Brasil, em Belo Horizonte. Uma das marcas de sua prática é a capacidade de criar envolvimento direto com os espectadores, que são instados a evoluir a partir de uma condição de mera espectador. Então, antes de sair desta conversa que gostaria de fazer uma pergunta sobre a natureza da relação de sua arte com o seu público. Você considera a questão da recepção do público como sendo um componente crucial do seu processo de tomada de decisão, em termos de que tipo de linguagem é usada em um contexto particular?

Gostaria que vocês fizessem uma correção na pergunta. A exposição foi realizada no Pátio de convivência do Centro Cultural do Banco do Brasil e foi conjunta.

A arte contemporânea quer experimentar. Como disse anteriormente, não mais é feita para contemplar e sim para motivar. Assim ela só se completa quando há o envolvimento do espectador. No caso da exposição realizada no Pátio de Convivência do Centro Cultural do Banco do Brasil, fiz imagens da Praça da Liberdade, que se localiza em frente ao Centro Cultural e que é um espaço referencial e de identidade da cidade a que pertence. Trabalhei sobreposições, camadas e detalhes que desvendassem das imagens todos os

símbolos ou referências que pudessem referenciar o espectador àquele local, fazendo-o criar suas próprias significações.

10) Muito obrigado pelo seu tempo e por compartilhar seus pensamentos, Helena. Finalmente, gostaria que você dissesse aos leitores algo sobre seus projetos futuros? Como você vê a evolução do seu trabalho?

Recentemente iniciei a construção de um ensaio baseado na narrativa de Oliver Sacks, “O homem que confundiu sua mulher com o chapéu”, na qual o protagonista não consegue memorizar lugares e faces (nem mesmo a própria), se prendendo a detalhes, cores e objetos. Contudo não há a intenção de engessar a leitura das imagens à este relato, e sim, trabalhar de maneira com que cada leitor construa sua própria história, seus próprios devaneios. O personagem construído não recusa a imagem, nem a nega, mas não tem a capacidade de completá-la. Para o interpretar, estou fazendo uso de desenhos, colagens e fotografias, que sobrepostos em camadas, tentam conduzir para o mundo que supostamente ele participa. Imagens de ficção, de não lugar, de dúvida, de ambiguidade que não existem no mundo da lógica, onde não há previsibilidade, linearidade, nem significação única estão fazendo parte deste processo.

O interessante é que este personagem é a síntese do que se pretende hoje: Olhar a vida sempre como se a estivesse descobrindo. Ele é espectador e protagonista da sua vida ao mesmo tempo, criando conexões visuais ininterruptamente. Afinal aprender não é desaprender a olhar o mundo? E nós, como olhamos para o nosso mundo? Em geral podemos visualizar o todo, mas percebemos somente a parte. Ao passarmos inúmeras vezes em locais que já estamos habituados, passamos a não o perceber. Ao conviver muito com determinada pessoa, passamos a não olhar para o seu rosto em determinados momentos. No mundo dele, ele consegue perceber somente partes de um todo, mas ele percebe como quem nunca viu, sua atenção e vivência é incessante. Sua incompletude o torna completo.

Além deste ensaio, estou iniciando um trabalho que vai tratar das questões de memória e esquecimento, atentando para o excesso de notícias e imagens a que estamos sujeitos diariamente, e como estas informações vão se apagando. A internet ampliou o mundo, mas o excesso de dados e a obrigação de estarmos conectados todo o tempo, gerou um embaralhamento no qual não mais sabemos discernir prioridades: queremos saber tudo, postar tudo, curtir tudo, ler tudo e nos esquecemos que nossa mente tem limite. A informação não é assimilada para se tornar conhecimento e a relevância das coisas se confunde. Afinal o que interessa?

